



XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação e as lutas por cidadania na disputa de hegemonias
19 a 21 de outubro de 2022**

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**

Universidade Estadual de Londrina – **UEL**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação– **PPGCom UEL**

GRUPOS DE TRABALHO

ISOLADO E CANCELADO: Estudo aproximativo entre a Cultura do Cancelamento e a Espiral do Silêncio¹

Louis Edoa²

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo: Segundo a Teoria da espiral de silêncio, os indivíduos que têm a opinião majoritária sempre tendem a silenciar os detentores das opiniões minoritárias, que por medo de perder algumas benesses ou por temer represálias acabam não expondo seus pensamentos. Enquanto a cultura do cancelamento é um fenômeno surgido a partir da expansão das redes sociais e se caracteriza pela perda de apoio de uma determinada figura pública por conta de julgamentos ou opiniões pré-estabelecidos e contrária ao senso comum da internet. O presente artigo busca, a partir da análise aproximativa entre a prática do cancelamento e a espiral do silêncio, mostrar a existência de elementos da espiral do silêncio na cultura do cancelamento, que surgiu com o avanço das redes sociais. Para isso, escolhemos, de uma parte, apresentar a cultura do cancelamento a partir do conceito de espetacularização proposto por Guy Debord, em se-

¹ Trabalho realizado com apoio e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e apresentado no GT3 (**Redes Sociais e Ativismo Midiático – CBCC**) da XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2022, de 19 a 21 de outubro de 2022 – realizada pela ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã, Universidade Estadual Paulista (UEL) e Programa e Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM-UEL.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), bolsista CNPq. Jornalista, Filósofo e Teólogo. Membro dos grupos de pesquisa: Jornalismo Humanitário e Mídias Interventions (Humanizacom) e Semio Humanitas. E-mail: louisnelma40@gmail.com.

guida, analisar, com os trabalhos de Noelle-Neumann como funciona a Teoria da espiral do silêncio.

Palavras-chave: Comunicação; Teorias da comunicação; Espiral do Silêncio; Cultura do Cancelamento; Espetacularização e Mídias Sociais.

Introdução – da fama ao esquecimento

Estamos na sexta-feira, 17 de dezembro de 2021, primeira aparição pública da cantora Karol Conká após ter sofrido rejeição e “cancelamento” na sua polêmica participação no *reality Show Big Brother Brasil 21*. Para muitos internautas e fãs, ela tinha arruinada a sua brilhante carreira, mas naquela noite, a cantora conseguiu comprovar que era possível dar uma volta pra cima e uma boa resposta diante de certos acontecimentos: conseguir superar as dificuldades e voltar a conquistar o lugar que já ocupava.

Apesar de toda a repercussão e imagem negativa deixada no início do ano, Karol Conká aparenta ter superado aquilo que deveria ser uma descida nos ‘infernos’ ou melhor uma queda livre, sem condição de amortecer tal caidela. A prova disso, é a acolhida calorosa que lhe reservou o público presente no show, da noite de 17 de dezembro, sem contar a participação massiva ao evento: cantando todas as músicas e demonstrando bastante carinho.

No entanto, há de observar que, situações de grande retorta à mídia e ser acolhido com o mesmo carinho pelos fãs, nem sempre aconteceram com todas as pessoas públicas ou celebridades que passaram por um momento de rejeição ou cancelamento, como aquele que enfrentou a cantora Karol Conká. Podemos lembrar aqui os casos da Gabriela Pugliesi, Juliana Paes, o rapper Projota, o humorista Nego Di, todos artistas ou famosos que fizeram face à fúria das redes e não conseguiram se reestabelecer na sua fama, após manifestar posicionamentos ou comportamentos condenados pelo público e a sociedade.

Uma palavra mal colocada, uma opinião contrária à opinião da sociedade em geral, uma determinada análise que realizou, usando um conceito ou palavra equivocada, atrai sobre você a impetuosidade daqueles que antes te davam aplausos, sem saber que, em sua origem, remete a um fato histórico dolorido para a humanidade. Um texto publicado ou compartilhado nas redes e que acaba passando por várias pessoas, até que se inicia uma movimentação a respeito

do compartilhamento, e de repente, uma massa furiosa começa a te xingar e te chamar de antissemita, de fascista, insensível, preconceituoso, causando rejeição e isolamento.

O presente trabalho pretende a partir da análise do pensamento de Byung-Chul Han e Guy Debord, observar como a cultura do cancelamento busca encurtar a ruptura entre a vida pessoal e o lado profissional de uma figura pública, de um lado e apresentar, de outro lado, a partir da pesquisa bibliográfica o que é a teoria da espiral do silêncio tendo como base os trabalhos de Noelle-Neuman e Sá Martino. O objetivo principal é, além da análise para encontrar possíveis pontos de encontro entre a prática do cancelamento e a teoria da espiral do silêncio, verificar de que forma o fim da distância, entre a vida pessoal e midiática de uma figura pública, colabora com a consolidação de um modo de vida, consumista e capitalista e manifesta a presença de elementos da teoria da espiral dentro da prática do cancelamento. Para a realização desta verificação, apresentamos a Teoria da espiral do silêncio, em seguida, tentamos definir e situar o que é a cultura do cancelamento e por fim, arriscamos encontrar elementos aproximativos entre a Cultura do Cancelamento e a Espiral do Silêncio.

1. A Teoria da Espiral do silêncio

A comunicação e o ato de comunicar-se é um atributo fundamental da espécie humana. Desde o início da existência humana, as sociedades, ditas civilizadas, buscaram nas aptidões e capacidades de seus membros um meio de alcançar os seus desejos, explicar suas ações, informar suas intenções e compartilhar suas conquistas e memórias. Foi assim que foram surgindo e se consolidando meios de comunicação e juntos com eles, algumas teorias, chamadas de teorias da comunicação, que são um conjunto de estudos sobre a comunicação social e seus efeitos na sociedade.

Essas teorias buscam esclarecer a evolução e o desenvolvimento da comunicação social em diversos aspectos como sociais, econômicos, tecnológicos e mais. De outros, o intuito de entender a complexa relação entre os meios de comunicação e as pessoas possibilitou o surgimento de vários modelos assim como: a agulha hipodérmica, que afirmava que a mídia conseguia alterar o pensamento e ideias da população, a teoria dos efeitos limitados, que apresentava o papel da comunicação interpessoal como oposto à ação da mídia e as teorias dos efeitos a longo prazo, que defendia a ideia de uma mídia superpoderosa, capaz de influenciar opiniões, gostos e atitudes políticas. Nesse grupo é que se encontra a Espiral do silêncio e outras teorias como a Agenda-Setting.

A Teoria da Espiral do Silêncio alcançou destaques nas Ciências Sociais a partir de 1972, quando foi apresentada por Noelle-Neuman, que “utiliza conceitos da psicologia social e estudos sobre a opinião pública para mostrar como uma opinião divulgada pelos meios de comunicação tende a se tornar pública” (MARTINO, 2017, n.p.). Segundo ela, “a disposição do indivíduo para assumir em público o seu ponto de vista sobre temas controversos depende da avaliação que faz acerca da distribuição atual das opiniões e da sua evolução futura” (ALEXANDRE, 2018, p. 15). Ou seja, para exprimir publicamente suas ideias, as pessoas buscam ter a maioria do seu lado, pois sabem que são constantemente julgados através de seus atos e não tem o direito de queixa.

Os homens julgam os outros apenas através dos atos e, uma vez perdida a estima da comunidade, ninguém tem o direito de se queixar da “desconfiança necessária”. Estamos, por conseguinte, ainda no âmbito privado. A opinião pública é vista como um tribunal, que aplica castigos e sanções morais, mas delimitada à esfera pessoal, não envolvendo temas políticos ou figuras políticas eminentes. (ALEXANDRE, 2018, 141)

Essa situação indica aquilo que Noelle-Neuman vai chamar de medo do isolamento ou da reprovação social. Fato que permite observar que mesmo antes de um grupo saber que determinada opinião é contrária da maioria, indivíduos que compõem o grupo já vivem, interiormente, um conflito. É aquilo que Rousseau vai denominar de opinião pública sem discussão pública. Ou seja, para Rousseau, “A desigualdade e a falta de liberdade resultam da corrupção de um “estado natural” no qual os homens realizavam apenas a sua natureza humana, enquanto a ruptura entre natureza e sociedade dividiu o indivíduo em homem e cidadão” (ALEXANDRE, 2018, p.143). Aqui, percebe-se o autor vê no silêncio uma falta de opção, em outros termos, o silêncio não é uma opção, mas uma imposição causando então desigualdade e falta de liberdade.

Segundo Noelle-Neuman, um posicionamento ou uma ideia que não encontra acolhimento pela maioria tende sempre a silenciar-se para evitar o constrangimento social. Ela parte então desse entendimento para mostrar que, da Teoria da Espiral do Silêncio, pode acontecer que uma ideia equivocada ou por veze nociva encontra na sociedade caminho para se tornar dominante pela coibição pública do portador de uma ideia contrária, temendo o isolamento. A opinião da maioria, dessa forma e mesmo sendo equivocada, sobrepõe-se por encontrar mais adesão e visibilidade e pelo receio de ser excluídos do convívio social que os demais sentem. Noelle-neumann, nessa linha afirma:

Quando as pessoas percebem claramente que algo está errado, elas vão permanecer em silêncio se a opinião pública (opiniões e comportamentos que podem ser exibidos em público sem medo de isolamento) e, conseqüentemente, o consenso do que constitui bom gosto e a opinião moralmente correta falarem contra elas. (NOELLE-NEUMANN, 1993, p. X, tradução nossa)

O cuidado de ficar alinhado com a opinião pública é geralmente observado em ambientes e situações cotidianas como em grupo de trabalho, roda de conversa ou na vida de figuras públicas como artistas e celebridades. Nessas situações, acontece que se algum dos participantes nota que possui opinião contrária àquilo apresentado pela maioria, a tendência é geralmente assumir o silêncio. Remar a contracorrente da maioria configura um penoso e desgastante exercício de justificação e defesa de um ponto de vista, correndo o risco de não ser compreendido ou perder parte do prestígio que alcançado por participar daquele grupo somente por ser discordante. Nesse sentido, escolhe-se observar o silêncio que, se por lado pode ser prejudicial para a vida social, por outro lado, oferece algo mais interessante: o sujeito humano, em busca de conservar e zelar pela sua reputação, tende a abandonar demasiado conflito com o grupo no qual se sente acolhido, passa a concordar com os demais membros, ainda que discorde unidamente.

Para Noelle-neumann, a opinião é apelo social por manifestar os gostos, as práticas, os comportamentos, os pensamentos e os julgamentos dos indivíduos socialmente. Nesse sentido, a opinião é a parte visível do sujeito social e o lugar onde ele consegue transitar entre realidade das percepções e jogo das aparências. Por isso afirma Alexandre (2018, p.305) que “Noelle-Neumann considerava irrealista, ilusória e enganadora uma visão da opinião pública assente na ideia de um público esclarecido, capaz de trocar argumentos racionais no espaço público”. Lembrando que as percepções não são iguais para todos os sujeitos e nesse sentido, elas podem ser alteradas sem que os acontecimentos sofram tais mudanças. Segundo Martino (2017, n.p.) “a percepção de uma opinião como dominante não significa, em absoluto, que essa opinião seja dominante. No entanto, na medida em que é percebida como tal, os indivíduos tendem a agir guiados por essa percepção mais do que por qualquer outra coisa”. Ou seja, uma opinião percebida como dominante pode se tornar dominante. Isso acontece, segundo Noelle-Neumann, pelo fato de que o sujeito humano tem medo do isolamento ou cancelamento.

Importa lembrar que, diante da opinião pública e sobretudo com a mídia, a mídia que deve publicar o que é da opinião pública é, geralmente a mesma que acaba manifestar indiferença diante dessa população quando precisa. Nessa linha, a Teoria da espiral do silêncio permite

perceber e entender o funcionamento da mídia em relação à opinião pública e as vezes acaba silenciando suas posições e ideias. Segundo Noelle-Neuman, para entender como funciona a espiral do silêncio, é necessário conhecimento sobre alguns dos mecanismos pelos quais a teoria tem capacidade de influência sobre a mídia sobre o público como: o excesso de exposição de assuntos na mídia (acumulação); a forma padronizada como as notícias são produzidas e veiculadas (consonância) e a presença da mídia em todos os lugares e de diversas maneiras (ubiquidade).

2. O que é a cultura do Cancelamento

A Cultura do cancelamento surge de um movimento que se iniciou há alguns anos e se caracteriza como uma chamada de atenção para ampliar a voz de grupos oprimidos e forçar ações políticas de marcas ou figuras públicas. Nesse sentido, cancelar alguém se configura em uma boicotagem midiática ou na perda de apoio de uma determinada figura pública ou pessoa famosa por conta de um posicionamento que caminha contra o entendimento comum para internautas. É um movimento que busca combater certos comportamentos, posicionamentos e hábitos apresentados por algumas celebridades.

Ainda, cancelar não é somente um mero julgamento que os usuários das redes sociais fazem diante de tal ou tal situação ou comportamento de uma figura pública. A cultura do cancelamento traz, para a espetacularização a vida real nos meios virtuais, e toca não somente a figura pública como os fãs e a sociedade. De acordo com o teórico francês Guy Debord, no livro “A Sociedade do Espetáculo”, o espetáculo não se configura somente como “um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD,1967, p. 22).

Nesse sentido, o cancelamento aparece como um desejo de que a realidade da vida cotidiana seja transportada para o meio digital, como espetáculo, com a presença de figuras públicas que, por sua vez, precisam apresentar um comportamento ou posição política em conformidade com a opinião do público em geral dentro do ambiente em que estão inseridos. Essa visão caminha com o pensamento de Debord (1967, p. 26) sobre esse tema:

A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes: parece que uma segunda natureza domina, com leis fatais, o meio em que vivemos. (...) Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos "meios de comunicação de massa", que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir

a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade.

Seguindo na mesma linha do pensamento do Debord e conectando com a realidade cotidiana, a cultura do cancelamento, para enfrentar situações como o feminismo, o racismo, a luta de classes ou outras causas de gênero, raça e sexualidade, usa a denúncia com objetivo de gerar engajamento nas redes, promovendo o surgimento de diversos comentários que culminam no boicote em massa. Importante notar que o cancelamento é um ato que muda de um caso para o outro e tem sempre como objetivo ser eficaz diante de alguns acontecimentos ou comportamentos reprovados pela opinião pública, como no caso de denúncias feitas pelas mulheres do movimento #MeToo, que contaram casos abusos sexuais cometidos por diretores e atores de Hollywood, divulgados principalmente através do Twitter.

Um grande aliado que a sociedade conseguiu nos últimos anos foi o crescimento das redes sociais que permitiram mudar a gestão das relações sociais na contemporaneidade. Nas redes, muitos obtiveram a possibilidade de ser ouvido e o alcance, além de poder comunicar com pessoas de outros lugares do mundo, garante ainda a possibilidade de conhecer usuários que partilham gostos e pensamento em comum conosco e informam sobre os acontecimentos ao redor do mundo. Dessa forma, as redes sociais se tornaram responsáveis pelo novo jeito de produção de conteúdo na comunicação social, possibilitando a troca de maneira multidimensional. No entanto, um aspecto preocupante é em relação à quantidade e qualidade de informações produzidas nelas que exigem do internauta necessidade de criar filtros para absorver o que é notícia, denunciar o que é falso e distinguir o que não é fato.

Diante da capacidade que têm a mídia de mobilizar ao redor de vários assuntos e da eficácia comprovada da aversão manifestada no meio digital, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han classifica essas mobilizações como importantes, mas de pouca eficiência para mudar os rumos da esfera pública. Para Han, as mobilizações digitais têm caráter voláteis e fluidas, ainda pela quantidade de notícias tratadas nas redes, as manifestações acabam tendo uma curta duração de vida mesmo chamando a atenção dos usuários. Em “No enxame - Perspectivas do digital”, Han (2018, p. 23) afirma que “a massa de indignação atual é extremamente fugidia e dispersa”, ou seja, o autor constata a ausência de postura e engajamento necessário o enfrentamento de certas ações além da divisão de força que acaba criando agrupamentos e enfraquecimento das energias necessárias. Isso ocasiona uma falta de mudança na consciência da sociedade como um todo que não sente mais comovido diante de escândalos.

Na perspectiva de Han é necessária “a formação de um contrapoder que pudesse efetivamente colocar em questão a ordem capitalista” e suas formas de perpetuação (HAN, 2018, p. 33), ou seja, por ser construídas e fundamentadas na ‘escandalização’ e individualização, as mobilizações deixam explícitas a consolidação de uma estrutura econômica neoliberal onde o social dá lugar à solidão (ou ao caminhar sozinho) (HAN, 2018, p. 33). Essa fundamentação na solidão e que não conta com a participação da multidão, faz com que a estrutura mercadológica vigente na sociedade colabora para o aumento do egocentrismo, impedindo a formação desse contrapoder.

3. Elementos aproximativos entre a Cultura do Cancelamento e a Espiral do Silêncio

A análise aproximativa entre a prática do cancelamento e a teoria da espiral do silêncio é uma tentativa de entender uma prática cotidiana à luz de uma teoria da comunicação para entender como a teoria pode explicar essa prática cotidiana.

Embora tenham surgidos em épocas e contextos diferentes, observamos que é possível relacioná-las a partir daquilo que observamos nas redes sociais atualmente. O primeiro ponto dessa aproximação se situa no fato de que muitas figuras públicas, celebridades ou pessoas famosas, que hoje detém uma grande rede dos chamados seguidores, têm a possibilidades de suas opiniões se tornarem dominantes no âmbito social. Isso faz que aqueles indivíduos que podem divergir dessas opiniões e as vezes expô-las correm o risco de serem cancelados, isolados ou sofrerem rejeição como acontece e explica respectivamente a cultura do cancelamento e a teoria da espiral do silêncio.

O medo de ser cancelado ou rejeitado, principal ato da cultura do cancelamento costuma funcionar com outras práticas que encontram facilmente pontos de ligação e explicação na teoria da espiral do silêncio. Temos por exemplo a monitorização dos comportamentos que garante a aprovação ou reprovação social. A tendência de não expor a sua opinião publicamente diante da possibilidade de rejeição, objeções ou desdém. A aquisição e manifestação de convicção diante de uma opinião aceita socialmente, o contrário disso leva automaticamente ao medo de falar abertamente de determinados assuntos ou defender opinião contrária.

A opinião pública é limitada no tempo e no espaço, na teoria da espiral do silêncio, a opinião pública somente consegue ser verificada num período limitado, é um processo que é limitado pelas fronteiras geográficas e culturais. Este aspecto marca a grande diferença entre a espiral

do silêncio e a cultura do cancelamento que, depende do posicionamento e da luta, ultrapassa as fronteiras geográficas. As redes e mídias digitais têm um poder de expansão muito forte e bastante abrangente, isso faz com que uma opinião emitida no ambiente digital, geralmente, não é limitada pelas fronteiras geográficas ou culturais do mundo físico. Por isso que o cancelamento costuma ter mais impacto quando se trata de uma celebridade mundialmente conhecida como no caso do presidente brasileiro Jair Bolsonaro e a questão da pandemia.

Outro aspecto de aproximação entre a espiral do silêncio e a cultura do cancelamento, referente à opinião pública, é que ela serve como instrumento de controle e coesão social. Existe um tempo entre a construção de uma opinião, sua divulgação e percepção como dominante. Neste tempo, enquanto a opinião permanece dominante, a sociedade é controlada pela mídia ou pelos detentores da opinião dominante. No caso do cancelamento, a figura pública que construiu ou ajudou a expandir tal opinião é aceita e consegue se consolidar e aumentar sua visibilidade. Se acontecer o contrário e a opinião não se tornar dominante, a coesão social não é alcançada e a figura pública sofre o isolamento, o cancelamento ou a rejeição pública. Nesse sentido, tanto o cancelamento quanto a espiral do silêncio trazem outra questão a ser analisada é a problemática do ‘ser invisível’ nas mídias, ou seja, a capacidade de pessoas se esconderem atrás de ícones ou algoritmos e cometerem crimes sem enfrentar a responsabilização pelos seus atos.

Considerações finais

O presente artigo buscou analisar a questão da cultura do cancelamento numa possível aproximação com a teoria da espiral do silêncio elaborada pela Noelle-Neumann. Nisso pretendemos responder determinar se era possível estabelecer uma relação entre esta prática recente surgida nos meios de comunicação digital e uma teoria que tinha como objetivo a análise de pesquisas de intenção de voto na Alemanha na década de 70.

Aquilo que retemos do percurso que realizamos, através da teoria é que o indivíduo inserido na sociedade moderna não está preparado a sofrer o isolamento ou ser afastado do convívio social a partir de suas opiniões divergentes da dominante. Nesse sentido, ele tende a esconder suas posições e cuidar mais de seu comportamento no intuito de caminhar com a massa e embarcar naquilo que ela acredita. Isso nos permitiu dizer que o surgimento da prática do cancelamento, com a ascensão das redes sociais na vida cotidiana, tem um fundamento na teoria da espiral do silêncio.

Ao julgar imoral, preconceituosa ou ainda cancelar certos comportamentos, posições ou opiniões, a cultura do cancelamento, além de levar o indivíduo diante do tribunal das redes, estabelece no âmbito social uma certa linha de conduta a ser seguida. Esta linha, que geralmente é construída pela opinião dominante, promove de uma parte o silenciamento de vozes divergentes, pelo medo de ser rejeitado ou isolado, e de outra parte a construção e coesão social a partir de tal opinião pública. No entanto, através do tribunal das redes, o cancelamento exerce um certo controlo e impede que pessoas que têm certas opiniões possam as divulgar e levar as massas a um certo pensamento como é o caso de certas ideias e posições defendidas e divulgadas pelo presidente brasileiro, Jair Bolsonaro.

Referências

ALEXANDRE, José Carlos. **Uma genealogia da Espiral do Silêncio: a expressão da opinião sobre as praxes acadêmicas**. Covilhã: Labcom.IFP, 2018. Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-001.pdf>.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **The Spiral of Silence: Public Opinion, our Social Skin**. 2nd. Edition. Chicago: University of Chicago Press, 1993.